

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XIV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1975

A existência de novos elementos é prevista em determinados momentos das séries e por isso são-lhes reservados alguns espaços em branco. Por outro lado, as séries podem ser aumentadas indefinidamente.

A caracterização da fonte do desenho é sistemática e minuciosa. A maior parte das ilustrações foram feitas a partir dos vasos ou moldes originais tendo sido desenhadas mais de mil peças importantes. Verifica-se uma extrema prudência em toda a execução deste *corpus* tanto ao nível do detalhe (as letras D e O são omitidas para evitar confusões com Déchelette ou Oswald ; a letra I é excluída para que se não confunda com o algarismo 1) como da programação: os elementos decorativos analisados dizem respeito somente ao segundo período da produção ou seja, aquele que tem início em 90 d. C., momento em que se verifica uma brusca interrupção da tradição da cerâmica da Gália Central causada pela actividade do oleiro X-O. A sua influência decisiva juntou-se cerca de 100 a de um outro oleiro imigrante, Libertus, imprimindo ambos à produção do século n um vigor e uma unidade que justificam a opção do autor.

Entre numerosos dados de grande importância para o conhecimento da sigillata da Gália Central, salientam-se as modificações e as adições que esta importante obra traz à nomenclatura das oficinas.

A. ALARCÃO

JOHN W. HAYES, *Roman and Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum. A Catalogue*. Toronto, 1975. 1 vol., XII + 230 p., 43 ests.

A colecção de vidros pré-romanos e romanos do Museu Real de Ontário (Canadá) é objecto, neste volume, de um estudo exaustivo. Pelo menos metade das peças (670 no total) não tem indicação de proveniência; a nenhuma se lhe conhece o contexto. Assim, a colecção não adianta nada à cronologia dos vidros romanos. Hayes, aliás, aproveita esta ocasião para discutir algumas cronologias geralmente aceites ou recentemente propostas. Se, no Ocidente, a cronologia dos vidros romanos assenta em numerosos achados de escavações bem conduzidas, no Oriente são escassas as informações derivadas de uma escavação. Tel-Anafa, Dura-Europos, Karanis e Jalame são quatro estações frequentemente invocadas para definir cronologias. Ora, como justamente observa Hayes, as datas que tais estações fornecem, exceptuando Dura-Europos, não são absolutamente seguras. Dura-Europos foi destruída em 256 d. C. e dá-nos assim um *terminus ante quem* evidentemente útil. A data de abandono das outras três estações deduz-se das séries numismáticas aí encontradas: 75 a.C. para Tel Anafa, fim do século iv para Jalame, início do V para Karanis. Relativamente a Karanis e Jalame, porém, a cerâmica aí encontrada leva-nos a descer a data do abandono pelo menos até meados

do século v para Jalame, inícios do vi para Karanis. Quanto a Anafa, Hayes propõe uma data herodiana, isto é, augustana, para o abandono do lugar. A cronologia dos vidros da região sírio-palestianiana é, por conseguinte, insegura, e só das escavações da Palestina se obterão os dados que permitirão confirmar umas datas, desmentir outras, precisar outras ainda.

Quanto à proveniência, sendo raras as indicações de origem das peças do museu de Ontário, Hayes baseia-se em critérios tecnológicos e tipológicos para lhes atribuir uma origem (geralmente sírio-palestianiana).

São dois tópicos particularmente importantes nesta obra, pela renovação de ideias que representam, os breves trechos que o autor consagra à invenção do vidro soprado e à localização dos artífices «sidonianos». Os dados arqueológicos, excluindo uma peça de En-Gedi (Palestina), cuja atribuição aos meados do século i a. C. com base na data de abandono do lugar em 40-37 a.G. é suspeita, concorrem a datar a invenção da época de Augusto. Atendendo a que os achados mais antigos de vidro soprado são os do Ocidente, Hayes lança dúvidas sobre se o vidro foi pela primeira vez soprado no Oriente. É certo que não existem provas da invenção ocidental; Hayes, porém, recorda o trecho de Estrabão, em que o geógrafo se refere às invenções técnicas que no seu tempo se realizaram em Roma e que simplificaram os processos de manufatura de várias indústrias. De qualquer forma, ainda que a invenção se tenha realizado no Ocidente, não podem ter sido alheios a ela os artífices de proveniência oriental que emigraram para Roma e para a Itália após as guerras civis. Pelo contrário, as perturbações de 69-70 d. C. contribuíram talvez para dispersar artífices estabelecidos em Itália, os quais terão emigrado para várias províncias. Não teria sido então que Ennion e outros artistas «sidonianos», que haviam iniciado o seu trabalho em solo itálico, se estabeleceram no Oriente?

A história da colecção, uma discussão breve e genérica sobre as bases da cronologia dos vidros sírio-palestianianos e uma tábua de equivalência dos nomes usados na descrição das cores ao dicionário de Munsell constituem o capítulo introdutório. Os vidros fabricados sobre um núcleo de argila ou talvez de terra amassada com palha são objecto do capítulo II. No III, Hayes inclui os vidros fabricados em moldes, monocromáticos. A par de formas lisas, hemisféricas ou mastóides, avivadas por linhas gravadas geralmente no interior, a colecção do ROM inclui uma bela taça lapidada; inclui ainda várias taças caneladas, quer naquele estilo de molduras de fraco relevo característico da região sírio-palestianiana, quer no modo vulgar no Ocidente, de molduras agora grossas. Para as primeiras, Hayes sugere uma data nos fins do século i a.C. e nos inícios do i d.C., (p. 17), recusando por conseguinte aceitar a data de 76 a.C. defendida por Weinberg para Tel Anafa, onde estas taças são frequentes. Para as segundas, propõe uma cronologia de Tibério ao fim do século II afastando-se assim de Harden, que recentemente defendeu uma cronologia mais alta.

No capítulo V, Hayes discute a data e lugar da invenção do vidro soprado. Aos vidros de fabrico sírio-palestianiano, cipriota, egípcio e ocidental

consagra os capítulos VI-IX. No X reúne alguns vidros de origem geográfica duvidosa ou até talvez pré-romana.

Após a sua monumental obra sobre *Late Roman Pottery*, sistematizadora de formas e fabricos, esclarecedora de origens e cronologias, Hayes publica agora obra de género muito diferente mas assente no mesmo vastíssimo conhecimento da bibliografia e na mesma sagaz atenção aos fabricos, obra que passa a figurar entre os estudos mais completos sobre os vidros romanos do Próximo Oriente.

J. ALARCÃO

Sandro STUCCHI, *Architettura cirenaica*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 1975.  
1 vol., XII + 696 p., ilustr., 6 plantas soltas desdobráveis.

Os Gregos, desembarcados em Plateia no segundo terço do século VII a.C., numa terra que as condições climáticas da época tornavam fértil, trouxeram à pátria dos Líbios a arquitectura clássica, cujas origens, desenvolvimento e realizações desde esses recuados tempos até ao século VII d. C. são objecto deste novo volume das Monografias de Arqueologia Líbica, ele mesmo monumental pelo tomo, a erudição, a ilustração excelente, a clara sistematização.

Stucchi examina, fase por fase, as realizações da arquitectura sacra (templos, altares, basílicas paleocristãs), da arquitectura civil pública (pórticos, teatros, termas, arcos, etc.) ou privada (casas, túmulos). No início de cada capítulo, brevíssimas notas sobre a vida económica ou sócio-política constituem, não a pormenorizada justificação dos monumentos, mas, pelo menos, o repetido aviso de que as obras da arquitectura traduzem as circunstâncias da vida económica ou do poder político e não podem interpretar-se apenas em termos de uma evolução de técnicas e de gostos. Os monumentos descritos são localizados com exactidão; e se fizermos a leitura tendo à nossa frente as plantas das cidades cirenaicas que o autor apresenta em folhas soltas desdobráveis, podemos ir seguindo o desenvolvimento dos centros monumentais urbanos.

As reconstituições dos edifícios, cuidadosas e estudadas, em vistas exteriores frontais ou perspectivadas, ou ainda em cortes, a utilização de gravuras antigas, as fotografias abundantes dos monumentos bem conservados (alguns deles objecto de anastilose) dispensam grandes esforços para imaginar como terão aparecido aos seus contemporâneos os grandes monumentos da Gíneraica.

A utilização sistemática de fontes epigráficas e literárias, por seu lado, não só ajuda o autor à identificação dos edifícios como os coloca melhor no seu tempo. No índice final dessas fontes tomamos mais global consciência de como Stucchi utilizou de maneira exaustiva textos literários e epígrafes.